



# PROCESSO SELETIVO À MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNA 2019 – MOBILIN 2019

EDITAL Nº 04 – COPERPS, DE 22 DE AGOSTO DE 2019

27 de outubro de 2019

## BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: \_\_\_\_\_ Nº de Inscrição: \_\_\_\_\_

### ÁREA IV – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES II

Ciências Sociais; Direito; Filosofia; Educação Física; Geografia; História;  
Pedagogia; Psicologia e Serviço Social.

#### LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTES.

- 1 Confira se o **Boletim** que você recebeu corresponde ao curso ao qual você está inscrito, conforme consta no seu cartão de inscrição e cartão resposta. Caso contrário comunique ao fiscal de sala.
- 2 Este **Boletim** contém a **PROVA OBJETIVA**.
- 3 O **Boletim de Questões** consistirá de **40 (quarenta) questões de múltipla escolha**, sendo **8 (oito) questões de Língua Portuguesa, 8 (oito) questões de História, 8 (oito) questões de Geografia, 8 (oito) questões de Filosofia e 8 (oito) questões de Sociologia**. Cada questão objetiva apresenta 5 (cinco) alternativas. Identificadas por **(A), (B), (C), (D) e (E)**, das quais apenas uma é correta.
- 4 Confira se, além deste **Boletim**, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões objetivas.
- 5 É necessário conferir se a prova está completa e sem falhas, bem como se seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, comunique imediatamente o fiscal de sala.
- 6 O **Cartão-Resposta** só será substituído se nele for constatado falha de impressão.
- 7 Será de exclusiva responsabilidade do candidato a certificação de que o **Cartão-Resposta** que lhe for entregue no dia da prova é realmente o seu. Não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo.
- 8 Após a conferência, assine seu nome no espaço próprio do **Cartão-Resposta**.
- 9 No **Cartão-Resposta** não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com marcação a lápis (grafite), com mais de uma alternativa marcada e aquelas que contiverem qualquer espécie de corretivo sobre as alternativas.
- 10 A marcação do **Cartão-Resposta** deve ser feita com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**.
- 11 O **Cartão-Resposta** será o único documento considerado para a correção. O **Boletim de Questões** deve ser usado apenas como rascunho e não valerá, sob hipótese alguma, para efeito de correção.
- 12 O tempo disponível para esta prova é de **três horas**, com início às **14 horas e término às 17 horas**, observado o horário de Belém/PA.
- 13 O candidato deverá permanecer obrigatoriamente no local de realização da prova por, no mínimo, **uma hora** após o início da prova.
- 14 Ao terminar a prova, o candidato deverá entregar ao fiscal de sala o **Boletim de Questões** e o **Cartão-Resposta**, e assinar a lista de presença.
- 15 Após às **16h30min** o candidato poderá solicitar ao fiscal levar este **Boletim de Questões**.

Boa Prova!



MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.

## LÍNGUA PORTUGUESA

### O paradoxo da criação

Gilberto Verardo (psicólogo)

1 Se a estrutura de uma dada sociedade cria obstáculos ao amadurecimento das personalidades de  
2 seus cidadãos poderá ser chamada de neurótica, pois cerca o desenvolvimento pessoal. Se uma pessoa é  
3 capaz de desempenhar o papel social que lhe cabe, mesmo se diluindo individualmente como parte de uma  
4 imensa máquina econômica, exercendo papéis ocupacionais cada vez mais especializados, ou seja, tarefas  
5 cada vez mais localizadas e restritas como instrumento para o crescimento dos potenciais da pessoa, com  
6 uma evolução crescente do poder do capital monopolista, crises econômicas intermináveis provocadas pelo  
7 capital especulativo, desemprego e conflitos variados, é possível levantar uma questão crucial. O modelo  
8 social continua adequado ao processo civilizatório saudável?

9 Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como  
10 igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e  
11 responsável. No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade  
12 em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma  
13 sensação de insignificância e impotência. No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens  
14 materiais passam a ser fins em si mesmos. O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do  
15 sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade  
16 última. Converteu-se em um dente da engrenagem da vasta máquina econômica. O homem construiu seu  
17 mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do  
18 produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu. Tornou-se um  
19 instrumento para fins da própria máquina concebida por suas mãos. A concentração de capital (não de  
20 riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa,  
21 coragem e inteligência individuais. Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos  
22 podem desejar da vida e devem ser gratos por isso. O homem foi engolido por sua criação. Mas ele precisa  
23 de um significado, de uma identidade pessoal e de um pouco de autoestima. Sua sensação de pertencimento  
24 foi absorvida pelo sistema. As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é  
25 submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que  
26 prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social. Em um  
27 esforço para escapar à solidão e à impotência cidadã, estamos dispostos a nos descartar do nosso EU, seja  
28 nos submetendo a novas formas de autoridade, seja nos conformando compulsivamente com padrões  
29 aceitos e ditados pelo sistema. Estamos prontos a aceitar um “auxiliar mágico” a que se refere Erich Fromm  
30 em seu livro “O Medo à Liberdade”, diante da incapacidade de expressar plenamente as próprias  
31 potencialidades. Tudo é ditado pelo mercado, até seu estilo de vida.

32 Temos realmente liberdade de escolher nosso próprio modo de vida? A internet e seus graciosos  
33 brinquedos amenizam a solidão e o desamparo pessoal, que termina por ser um lugar interior que a pessoa  
34 encontra para dar um tempo e ver se encontra seu EU, sua autenticidade, sua originalidade de volta, pois  
35 até isso lhe foi tirado pela máquina. Reproduzimos tudo. Nossas ideias originais foram sufocadas em nome  
36 do bom funcionamento do sistema que reina absoluto sobre todos os destinos. Sinais de profundas  
37 mudanças incluem a insatisfação generalizada nas instituições porta-vozes do sistema. As coisas velhas  
38 ainda não morreram e coisas novas começam a surgir, algumas com alma retrô. Mas já é um movimento  
39 para sair do conformismo sufocante. As mudanças climáticas podem funcionar como uma catarse global em  
40 direção às mudanças que todos querem. Não pode o caos climático ser a vacina que despertará  
41 consciências?

CORREIO DO ESTADO (Campo Grande), 12 SET 19  
Com Adaptação.



- 1 A relação do título “O paradoxo da criação” com o conteúdo desenvolvido no texto está evidente no trecho
- (A) “Se a estrutura de uma dada sociedade cria obstáculos ao amadurecimento das personalidades de seus cidadãos poderá ser chamada de neurótica, pois cerca o desenvolvimento pessoal.” (linhas 1 e 2)
  - (B) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade última.” (linhas 14 a 16)
  - (C) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
  - (D) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu. Tornou-se um instrumento para fins da própria máquina concebida por suas mãos.” (linhas 16 a 19)
  - (E) “As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social.” (linhas 24 a 26)
- 2 Considerando-se que o texto “O paradoxo da criação” se desenvolve em torno do posicionamento discursivo do autor de que o cidadão tem sua individualidade e criatividade anuladas no sistema capitalista, o trecho que resume bem esse posicionamento é
- (A) “No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens materiais passam a ser fins em si mesmos.” (linhas 13 e 14)
  - (B) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico (...)” (linhas 14 e 15)
  - (C) “Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu.” (linhas 17 e 18)
  - (D) “Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos podem desejar da vida e devem ser gratos por isso.” (linhas 21 e 22)
  - (E) “Tudo é ditado pelo mercado, até seu estilo de vida.” (linha 31)
- 3 Na representação, em linguagem figurada, do que é o capitalismo, o autor constrói uma **metáfora** na seguinte passagem do texto:
- (A) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
  - (B) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade última. Converteu-se em um dente da engrenagem da vasta máquina econômica.” (linhas 14 a 16)
  - (C) “A concentração de capital (não de riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa, coragem e inteligência individuais.” (linhas 19 a 21)
  - (D) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu.” (linhas 16 a 18)
  - (E) “As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social.” (linhas 24 a 26)



- 4 Para se resguardar de fazer uma afirmação categórica na avaliação negativa que faz do capitalismo – e evitar, assim, a contestação pelo leitor –, o autor recorreu à estratégia de **modalização do enunciado** no seguinte trecho:
- (A) “Se uma pessoa é capaz de desempenhar o papel social que lhe cabe, mesmo se diluindo individualmente como parte de uma imensa máquina econômica, exercendo papéis ocupacionais cada vez mais especializados (...)” (linhas 2 a 4)
  - (B) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
  - (C) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
  - (D) “Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos podem desejar da vida e devem ser gratos por isso. O homem foi engolido por sua criação.” (linhas 21 e 22)
  - (E) “As coisas velhas ainda não morreram e coisas novas começam a surgir, algumas com alma retrô.” (linhas 37 e 38).
- 5 Nas afirmações sobre o capitalismo, o autor argumentou criticamente contra esse sistema. Entre os enunciados abaixo, aquele que **não** representa um argumento em favor da tese contra o capitalismo é
- (A) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade última.” (linhas 14 a 16)
  - (B) “A concentração de capital (não de riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa, coragem e inteligência individuais.” (linhas 19 a 21)
  - (C) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
  - (D) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
  - (E) “Nossas ideias originais foram sufocadas em nome do bom funcionamento do sistema que reina absoluto sobre todos os destinos.” (linhas 35 e 36)
- 6 No texto, ao expressar **uma consequência** do capitalismo, o autor constrói o enunciado em **linguagem conotativa**, visando a dar mais expressividade ao que enuncia. É o que se identifica na alternativa
- (A) “No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens materiais passam a ser fins em si mesmos.” (linhas 13 e 14)
  - (B) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos.” (linhas 16 e 17)
  - (C) “A concentração de capital (não de riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa, coragem e inteligência individuais.” (linhas 19 a 21)
  - (D) “Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos podem desejar da vida e devem ser gratos por isso.” (linhas 21 e 22)
  - (E) “Nossas ideias originais foram sufocadas em nome do bom funcionamento do sistema que reina absoluto sobre todos os destinos.” (linhas 35 e 36)
- 7 No trecho “Se uma pessoa é capaz de desempenhar o papel social que lhe cabe, mesmo se diluindo individualmente como parte de uma imensa máquina econômica, exercendo papéis ocupacionais cada vez mais especializados, ou seja, tarefas cada vez mais localizadas e restritas como instrumento para o crescimento dos potenciais da pessoa, com uma evolução crescente do poder do capital monopolista, crises econômicas intermináveis provocadas pelo capital especulativo, desemprego e conflitos variados, é possível levantar uma questão crucial” (linhas 2 a 7), o conector “**ou seja**” é um recurso gramatical com a função de sinalizar que será inserida no texto uma
- (A) exemplificação.
  - (B) explicação.
  - (C) retificação.
  - (D) descrição.
  - (E) síntese.



- 8 Na construção da argumentação do texto “Paradoxo da Criação”, manifesta-se uma oposição de pontos de vista na relação entre os enunciados (gramaticalmente expressa pela construção de uma oração subordinada concessiva) no trecho
- (A) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
  - (B) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
  - (C) “As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social.” (linhas 24 a 26)
  - (D) “Em um esforço para escapar à solidão e à impotência cidadã, estamos dispostos a nos descartar do nosso EU, seja nos submetendo a novas formas de autoridade, seja nos conformando compulsivamente com padrões aceitos e ditados pelo sistema.” (linhas 26 a 29)
  - (E) “A internet e seus graciosos brinquedos amenizam a solidão e o desamparo pessoal, que termina por ser um lugar interior que a pessoa encontra para dar um tempo e ver se encontra seu EU, sua autenticidade, sua originalidade de volta, pois até isso lhe foi tirado pela máquina.” (linhas 32 a 35)

## HISTÓRIA

- 9 Afirmava o filósofo grego Aristóteles em sua obra *Política* que “Quem se dispõe a tornar-se um bom chefe, deve primeiro ter servido a um chefe”.

(Ver Aristóteles (\*384 +322 a. C.) Citação retirada de BARELLI, Ettore (org.). *Dicionário das citações*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 501).

Pela citação anterior, percebe-se que existia no mundo grego antigo um sério debate sobre a melhor forma de governar e fazer política. Com base no que se conhece sobre as diferenças entre as formas de governo político em Atenas e Esparta, é correto afirmar:

- (A) "Oligarkhía", cujo significado literal é “governo de poucos”, prevaleceu em Atenas, isto porque a democracia só era aceita para uma pequena parcela da população livre, deixando alheia a ela os escravos e estrangeiros.
- (B) Democracia era a junção de “demo” = povo e “cracia” = governo. Foi implantada em Atenas, por volta de 510 a.C. após as reformas de Clístenes, que visavam a resolver graves conflitos sociais decorrentes da estratificação social, mas não atingiu todos, excluindo mulheres, escravos e estrangeiros.
- (C) Patriarcado é a junção do termo “patriarca” = chefe de família com a terminologia “ado”, aqui identificada como o que governa. Assim, em Esparta antiga do período clássico, o regime político era patriarcal, centrado em clãs que se organizavam hereditariamente e viviam em guerras.
- (D) “Eforato”, que significava governo do Conselho dos Éforos, era como Esparta se governava. Este Conselho formava um colégio que era eleito democraticamente pela Apela. Detinha amplos poderes, sendo responsável por presidir assembleias, decretar guerras e fiscalizar o Estado.
- (E) Democracia (demo=governo e “cracia” = do povo) era a forma de governar em Atenas, que estabeleceu pela primeira vez um regime igualitário para todos os cidadãos e estrangeiros naturalizados e até escravos, desde que em estado de emancipação.

10 Observe a imagem abaixo e responda à questão proposta sobre as relações de hierarquia na Europa feudal.



Posse de um cavaleiro

(Iluminura dos estatutos da Ordem do Nó, fundada em 1352 por Luigi I de Nápoles.

Ver Luigi I di Napoli nell'atto di investitura feudale)

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b52504405g/f22.image> Acessado em 20 09 2019.

A fidelidade vem do latim *fidelitas* e denotava na Idade Média a fidelidade devida por um vassalo ao seu senhor feudal. Antes que um senhor feudal pudesse conceder terras (um feudo) a alguém, ele tinha que fazer dessa pessoa um vassalo. Isso era feito em uma cerimônia formal e simbólica chamada cerimônia de louvor, composta pelo ato de duas partes: de homenagem e de juramento de lealdade. Daí surgiram cerimônias como as de posse de cavaleiros medievais, como a representada na iluminura anterior. Por esta cerimônia e em seu ato simbólico, os vassalos obrigavam-se a

- (A) atender a chamadas para o serviço militar, cuidar da manutenção e produção do feudo, pagando obrigações ao senhor. Já o senhor do feudo deveria garantir segurança e ajuda militar para manutenção do feudo e da cristandade.
- (B) trabalhar para receber em troca a alimentação e um soldo. Os senhores feudais deveriam organizar a produção e cobrar impostos para que os escravos e servos pudessem trabalhar sem maiores preocupações.
- (C) produzir todos os alimentos, caça e pesca necessários para a manutenção do feudo. Os senhores feudais garantiam a segurança interna e externa dos feudos, além de alimentarem e cederem local de moradia para seus trabalhadores escravos e servos.
- (D) entregar toda a produção ao senhor feudal e a protegê-lo dos vândalos pagãos e cristãos. Já os senhores feudais deveriam abençoar seus vassalos, rendendo-lhes homenagens e lhes dando direito de trabalho e posse em suas terras, com o propósito de torná-las férteis e produtivas.
- (E) beijar regularmente a mão do senhor feudal, pagar-lhe tributos pela colheita e uso de moedas ou travessia de rios. Em troca, o senhor feudal os ajudava com as sementes e os organizava militarmente para defesa, armando-os para guerra, como se vê na iluminura.



11 Sobre a estrutura da sociedade feudal, escreveu o historiador Jacques Le Goff:

“A sociedade medieval foi, mais do que muitas outras, uma sociedade de oposição. A cristandade que a formava foi muitas vezes representada por esquemas binários: bons/maus, superiores/ inferiores. Todavia com o tempo, tomou-se consciência de que a sociedade ia se tornando mais complexa. Ausente na Bíblia, surge no Ocidente cristão nos séculos IX e X uma ideia de sociedade cristã distinta por três componentes: *oratores, bellatores e laboratores*, ou seja, os que rezam, os que combatem e os que trabalham”.

(Texto adaptado de Jacques Le Goff. *O Homem medieval*. Lisboa: presença, 1989, p. 15)

Quanto a esta organização social tripartida medieval, é correto afirmar que estes elementos correspondem respectivamente

- (A) aos padres regulares, como franciscanos e beneditinos, aos soldados dos reis medievais e aos escravos de origem africana e asiática.
- (B) aos bispos e arcebispos da cúpula local das igrejas, aos senhores feudais com os soldados dos bispos e aos servos da gleba treinados pelos soldados.
- (C) aos padres e freiras seculares, aos senhores feudais com seus filhos homens sagrados cavaleiros e aos servos da gleba e seus escravos.
- (D) aos clérigos, frades e madres regulares, aos senhores feudais com seus cavaleiros e amazonas e aos servos da gleba com suas famílias e escravos.
- (E) aos clérigos regulares e seculares (padres e frades), aos senhores feudais com seus cavaleiros medievais e aos servos da gleba.

12 Leia o trecho abaixo, que reflete sobre as novas descobertas arqueológicas relativas aos hominídeos no território africano da atual Argélia, e responda à questão proposta.

A revista científica *Science* publicou um artigo que pode alterar a forma como os cientistas enxergam a presença de hominídeos na África. (...) Os novos dados indicam ou uma dispersão dessas ferramentas da África Oriental para outras regiões do continente ou o surgimento da manufatura desses itens em múltiplos locais em um período parecido. Essa região da África é considerada o berço do uso de itens de pedra, muito usados por nossos ancestrais hominídeos. Os exemplos mais antigos dessas peças dos quais temos conhecimento vêm de 2,6 milhões de anos atrás. (...) A nova pesquisa liderada pelo Centro Nacional de Investigação sobre a Evolução Humana (CNIEH) apontou para novas evidências (especificamente artefatos de pedra e ossos de animais) que são quase meio milhão de anos mais velhos do que as peças que se conhecia anteriormente. Os itens foram encontrados na porção leste da Argélia, ao norte do território, e aparentam ser de 1,9 a 2,4 milhões de anos atrás. (...) A nova descoberta torna o local em que as ferramentas foram encontradas o lugar mais antigo do norte da África a apresentar provas do uso de ferramentas por parte dos hominídeos.

(Sabrina Brito. *Revista Veja*, 2 de dezembro de 2018. Site <https://veja.abril.com.br/ciencia/presenca-de-hominideos-no-norte-da-africa-e-mais-antiga-do-que-se-pensava/> Acessado em 19/09/2019).

O valor da descoberta feita em 2018 pela CNIEH reside em questões sobre quanto tempo os homens (ou seus antepassados hominídeos) levaram para aprender a usar ferramentas e em que local esta aprendizagem teria ocorrido. Estes dados são importantes porque colocam o continente africano e suas gentes em um novo patamar. As pessoas do continente africano atual – tantas vezes estigmatizadas preconceituosamente, vistas como “atrasadas” e dependentes de nações europeias ou americanas – devem ser consideradas nos estudos atuais arqueológicos, como centrais na evolução humana e percebidas

- (A) Intelectual e tecnologicamente desenvolvidas dentro dos parâmetros da CNIFH, pela aprendizagem precoce dos hominídeos argelinos no uso dos artefatos de pedra e ossos de animais como instrumentos de melhoria nas condições de vida humana e percebidas.
- (B) geneticamente, o que proporcionaria aos brancos da atual Argélia – segundo o estudo da CNIEH – a capacidade motriz para se aprender a utilizar instrumentos de corte e de perfuração, como as pedras polidas e os ossos lascados encontrados pelos pesquisadores.
- (C) socialmente, na medida em que os estudos da CNIEH demonstram que, embora biologicamente inferiores, os hominídeos encontrados eram evoluídos para se relacionarem com outros povos nórdicos que já estavam lascando e polindo pedras e eram biologicamente superiores.
- (D) racialmente, já que pelos estudos da CNIEH se comprova que a pele negra seria condição social primordial para que se desenvolvesse em território da atual Argélia hominídeos inteligentes o bastante para lascas e polir pedras e ossos.
- (E) como biológica e etnicamente superiores, pois os atuais estudos demonstram que os hominídeos de origem africana têm genes evoluídos para desenvolverem habilidades motoras superiores às daqueles de outros continentes.

- 13 Observe a pintura abaixo e responda à questão proposta sobre o absolutismo e seus agentes na França do Antigo Regime.



O Cardinal Richelieu no cerco à praça de La Rochelle em 1627-28  
(Pintura romântica de Henri-Paul Motte datada de 1881.

Ver Henri-Paul Motte La Rochelle, Musee 'Orbigny-Bernon)

<https://www.kunstkopie.de/a/motte-henri-paul/richelieu-1585-1642-on-th.html> Acessado em 20 09 2019.

A pintura acima foi feita em 1881. Nela, seu autor romântico expôs a emoção do Cardinal Richelieu na tomada da praça huguenote de La Rochelle em 1628. A batalha ali representada tratava de um evento da guerra entre as forças católicas de Luís XIII da França e os huguenotes de La Rochelle. À direita, o pintor descreve a armada espanhola atirando na inglesa. Já no porto estava o Cardinal francês e a cúpula da igreja católica francesa rezando pela vitória franco-espanhola. Esta tela histórica reafirmava no século XIX a força da monarquia absoluta francesa do século XVII. Nela o aspecto central deste fortalecimento do poder régio pode ser visto na cena do Cardeal Richelieu pintado

- (A) com uma mão no peito e outra na cintura perto da sua espada, procurando dizer que faria guerra contra os huguenotes protestantes até sua morte e que lutaria pelo rei católico Luís XIII juntamente com seus bispos, mesmo que tivesse que se associar aos ingleses e espanhóis que ali batalhavam contra os franceses.
- (B) com as mãos no peito emocionado ao ver os ingleses (aliados dos franceses) atacarem navios espanhóis huguenotes, destruindo na França o poder religioso e econômico das famílias protestantes e judias que governavam a região, impedindo o estabelecimento do governo absoluto francês de Luis XIII.
- (C) olhando tristemente os navios espanhóis bombardeando os ingleses e pensando que ele (Cardeal e primeiro ministro do rei francês) ainda teria que derrotar os espanhóis para impor o poder absoluto francês representado pelo catolicismo do novo monarca Luís XIII.
- (D) olhando para a batalha naval anglo-espanhola em um mar revolto e torcendo pela vitória espanhola. Esta vitória significaria vencer as batalhas religiosas (entre o catolicismo e o protestantismo), mas também ganhar as batalhas políticas e econômicas e impor uma monarquia católica de direito divino na França.
- (E) observando a guerra naval entre espanhóis e ingleses, na qual os ingleses resistiam bravamente e impediam o firme propósito francês de fortalecer o rei católico Luís XIII e sua monarquia esclarecida e de direito divino e papal.



14 Segundo Carlos Moore Wedderburn, há pelo menos quatro bases para superar a visão colonialista e que se deve demarcar para se escrever e ensinar em sala de aula uma nova história da África. São elas: 1) Positivar a África como berço da humanidade; 2) Identificá-la também como berço das primeiras civilizações sedentárias e cidades antigas; 3) Demarcá-la como alvo de escravidão racial e tráfico negreiro transoceânicos e 4) Problematizá-la como alvo de mitos raciológicos, especialmente em tempos imperialistas. Para cada uma destas bases é necessário implementar novas formas de trabalho didático e utilizar diferentes fontes de pesquisa. No campo didático, pode-se acertadamente nomear que é fundamental ao novo historiador analisar o conteúdo da história do continente africano, estabelecendo como matrizes um estudo do continente de forma

- (A) simultânea, ligando a história da escravidão no Brasil com a da África, recuperando os momentos-chaves da espoliação do continente americano e de seus homens de estado contra os vitimados povos e nações africanas. O centro de todos os estudos é a história do tráfico transoceânico e a formação da sociedade escravista no Brasil.
- (B) separada, vendo didaticamente a história do Brasil e depois a da África para em um segundo momento unir as duas histórias e denunciar práticas de preconceito racial e étnico que derivavam do processo exploratório colonial e pós-colonial nos dois continentes, como autônomos.
- (C) autônoma, separando os diferentes povos africanos e suas histórias da história da civilização branca e ocidental. Aqui se critica uma persistente tradição linear e anedótica que vê as gentes do continente africano como um bloco inerte e sem dinamismo social, ou sem comunicação entre si, sobretudo sem relação entre suas histórias e crenças mitológicas.
- (D) antieurocêntrica, procurando construir uma história na qual a participação dos europeus é minimizada diante dos atos e fatos vivenciados pelos povos do continente africano em sua relação com os ameríndios e outros povos de continentes como a Oceania, todos eles pobres e oprimidos.
- (E) isenta de preconceitos étnicos, com a didática de trabalhar (entre alunos e professores) a ideia de uma história africana que reúna todos os diferentes povos africanos ao longo de sua história numa trajetória de lutas sociais e políticas e que dialogue com as outras culturas e povos dos outros continentes, denunciando explorações e preconceitos.

15 Leia o trecho que se segue sobre a política de “resgate” indígena no Brasil colonial e responda à questão proposta relativa à escravidão e ao trabalho livre nesta sociedade.

A escravização decorrente de resgate, herdada do direito romano, estava profundamente ancorada em regras de direito correntes no período colonial, sendo reconhecida como lícita até mesmo pelo Padre Antônio Vieira, defensor da liberdade dos índios. Nesse período o conceito do resgate vê-se reforçado pela ideia de que, além da vida, salva-se a alma de prisioneiros condenados à morte e à perdição. Estes indivíduos “presos à corda”, como dizem os documentos, são cativos legítimos em várias normas legais entre os séculos XVI e XVIII. O problema sempre estava nas diferentes disposições das leis que legitimavam esta prática.

(Texto adaptado de Maria Beatriz Nizza da Silva. Resgate. *Dicionário da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994, p. 698-699).

De acordo com o trecho acima, é correto afirmar que a prática do “resgate” ou da prisão à corda era uma forma de uso de mão de obra indígena no Brasil colonial que se sustentava de maneira legítima e justificada

- (A) nas leis e normas sem contestações ao longo de todo processo colonizador, já que se pensava que este suposto “resgate” salvava não só o corpo dos indígenas, mas também sua alma.
- (B) em termos jurídicos e de justificativa sagrada e ideológica, pois neste universo se salvariam almas do paganismo e corpos da morte antropofágica. Mas os meios de fazer este “resgate” e seus agentes permitidos variaram muito e foram alvo de disputas políticas e sociais ao longo do tempo.
- (C) para o uso de mão de obra indígena como trabalhadores entre os jesuítas, como desejava padre Vieira, mas ilegítima para os demais moradores coloniais. Disso surgem disputas e guerras entre colonos e jesuítas até a expulsão dos segundos no século XVIII quando se passou a escravizar os índios.
- (D) para a Coroa lusitana e ilegítima para os vários povos indígenas que lutaram para não serem escravizados pela política de prisão “à corda”. Em processos de negociações e conflitos, estes povos ora obtiveram conquistas quando se aliaram aos jesuítas, ora perderam seus direitos quando estes jesuítas foram expulsos.
- (E) para os povos indígenas considerados “bárbaros” pelos portugueses, mas ilegítima para aqueles tidos como “dóceis” ou “mansos”. Isto significava que bastava os portugueses dizerem que os índios eram agressores para se legitimar sua “prisão à corda” e o sucessivo processo de escravização sempre por tempo indeterminado.

- 16 Observe os dois mapas abaixo e responda à questão proposta sobre o tratado de Madri e a diplomacia colonial entre os portugueses e os espanhóis no século XVII e XVIII.



**Mapa 01** - Fragmento de mapa, acima, publicado em 1589, durante a União Ibérica. O cartógrafo italiano Baptista Boazio mostra o que entendia ser a divisão das terras na América do Sul. O território do atual Brasil inclui todas as terras do lado oriental do Rio Paraguai e norte do Rio da Prata.

(Ver site <https://www.historia-brasil.com/colonia/disputas-portugal-espanha.htm> Acessado em 18 09 2019).



**Mapa 02** - América del Sur, 1759. Mapa espanhol estabelecendo as divisas territoriais entre Portugal e Espanha depois do Tratado de Madri.

(Ver site <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTGoXTzx5LwqT7MZ2V18mcVoop1UcG980teLNSg1Vs5zzYZ-FgmwA> Acessado em 20 09 2019).

Considerando os dois mapas apresentados e com base no que se conhece sobre a história diplomática e das disputas entre Portugal e Espanha pelos territórios americanos mais ao sul do continente entre os séculos XVII e XVIII, é correto afirmar que as fronteiras portuguesas e espanholas foram demarcadas em um processo pautado pelo/pela



- (A) assinatura do tratado de Madri, que foi difícil de ser negociado nos século XVIII (ver mapa 01), mas que, uma vez concluído (ver mapa 02), delimitou bem as linhas divisórias, como está claro no mapa espanhol de 1759.
- (B) manutenção dos lusitanos nos limites do tratado de Tordesilhas (ver mapa 01) e seu expansionismo militar no século XVIII que levou a disputas e à assinatura do Tratado de Madri (ver mapa 02).
- (C) expansionismo espanhol no século XVI (ver mapa 01) que se aproximou da atual costa brasileira na parte sul do continente no Atlântico e seu confronto com a linha expansionista lusitana no século XVIII para a fronteira norte no rio Amazonas (ver mapa 02). Isto levou ao Tratado de Madri.
- (D) expansionismo espanhol e lusitano na América do Sul pela posse de seus dois maiores rios: da Prata, no norte do Brasil, e o rio Negro e Amazonas no Sul do mapa (ver mapa 02). Isto levou a disputas diplomáticas e a assinaturas do tratado de Madri.
- (E) expansionismo português durante o processo de União Ibérica até 1640 (ver mapa 01), o que acarretou longas negociações que levaram ao Tratado de Madri, que não foi definitivo, mas demarcou mais claramente as fronteiras coloniais espanhola e portuguesa da América do Sul (ver mapa 02).

## GEOGRAFIA

17 Leia o texto.

“É verdade que para Humboldt a filosofia meramente especulativa, sem relação com as descobertas empíricas, não esclarecia os fenômenos naturais. Ou, em outras palavras, para ele sem a observação e a descrição in loco a ciência seria inócua. Pois bem, apesar da crítica à filosofia especulativa, Humboldt se deteve em algumas de suas premissas, pelo menos no que se refere a suas teses sobre a visão unitária da natureza e à perspectiva de junção entre arte e ciência, claramente relacionadas às filosofias da natureza de Schelling e, também, de Goethe.”

Fonte: BRITO, Thiago -Humboldt entre a filosofia da natureza e a ciência moderna. Soc. & Nat., Uberlândia, 27 (2): 195-208, mai/ago/2015, pág. 197

Alexander Von Humboldt teve grande importância na formação da ciência geográfica. No fragmento do texto, enfatiza-se a sua compreensão da natureza e visão de unidade, explicada pela influência da(o)

- (A) visão criacionista, base para explicar a formação do planeta.
- (B) teoria do caos, na qual fenômenos simples podem causar alterações profundas.
- (C) pensamento materialista dialético marxista sobre a natureza modificada.
- (D) matriz racionalista acrescentada à compreensão da história de formação dos fenômenos.
- (E) abordagem fenomenológica para elucidar as lembranças provocadas pelo ambiente.

18 Leia o texto.

“Hoje, porém, pós-modernistas de toda obediência se valem das palavras do nosso *métier* para sugerir, com base na aceleração contemporânea, que o espaço não existe, a região não existe, e o lugar também não existe mais...Mas, que dizer, por exemplo, de Michael Jackson? Segundo o seu *manager* Michel Avram, falando em outubro de 1993 a um jornal de São Paulo, o mais pós-moderno dos *pop stars* globalizados não se lembrava da América do Sul. Ele pensava que Caracas era na Jamaica”.

Fonte: Santos, M. O lugar: encontrando o futuro. Revista de Urbanismo e Arquitetura, v. 4, n,1, 1996. pág. 6. (Adaptado)

No texto, o autor utiliza um exemplo para ressaltar a importância, cada vez maior, da renovação dos conceitos geográficos. No caso do conceito de lugar, Santos o compreende como

- (A) referência cartográfica, de posição e localização.
- (B) espaço antropológico que apresenta características identitárias.
- (C) local em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado.
- (D) imaginário derivado da percepção ou sentido de pertencimento do homem com todos os elementos do seu espaço vivido.
- (E) dimensão espacial do cotidiano, pode ser visto como um meio intermediário entre o mundo e o indivíduo.



19 Leia o texto.

“A alfabetização espacial pode ser possível tanto ao se trabalhar com conteúdos ou temas que se relacionem com os saberes geográficos e que sejam problematizados pelos professores nas práticas escolares, quanto por meio da construção de mapas mentais.”

Fonte: Lopes, A. C. O lugar e os mapas mentais na geografia escolar. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 8, n. 16, pág. 391-410, jul./dez., 2018

No sentido apresentado pela autora, o mapa mental é o

- (A) instrumento metodológico que permite ao aluno expressar seus conhecimentos sobre o espaço vivido.
- (B) sensor que capta as imagens cerebrais que indicam a capacidade de desenvolvimento cognitivo.
- (C) aparelho associado a um programa de computação gráfica que produz mapas a partir de imagens.
- (D) recurso utilizado para identificar os alunos que têm potencialidade para fazer mapas.
- (E) produto da elaboração coletiva de um grupo diversificado de pessoas que não conseguem se localizar no espaço.

20 Leia o texto.

“A representação gráfica coloca que o traçado de qualquer mapa deve seguir determinadas prescrições recomendadas pela sintaxe da linguagem gráfica. Estas indicações fazem parte dos sistemas de signos, linguagens estudadas pela Linguística, que o ser humano constituiu para fixar, compreender e comunicar as observações que a ele são necessárias”.

Fonte: Marcello Martinelli. Tempo e Espaço no mapa.

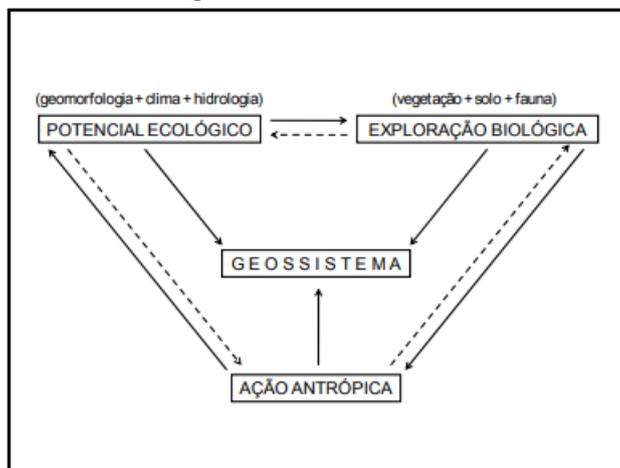
Sobre esse aspecto, considerando a Semiologia Gráfica, a elaboração do mapa deve atentar para a

- (A) mobilidade sazonal das coordenadas geográficas.
- (B) construção em plano tridimensional, base da cartografia.
- (C) utilização da linguagem técnica e uso de símbolos criados e traduzidos por especialistas da área.
- (D) relação entre a diversidade, a ordem e a proporcionalidade dos elementos de representação gráfica.
- (E) legibilidade dos significados dos símbolos, devendo esses ser explicados concomitantemente no mapa e na legenda.

21 Observe o texto e a figura.

“É uma classe particular de sistemas dirigidos, sendo o espaço terrestre de todas as dimensões, onde os componentes individuais da natureza se encontram numa relação sistêmica uns com os outros e, com uma determinada integridade, interatuam com a esfera cósmica e com a sociedade humana”.

Fonte: SOTCHAVA, V. B. O estudo de geossistemas. Métodos em Questão. São Paulo: IG-USP, n.16, 1978, pág 6.



Fonte: BERTRAND, George. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. Caderno de Ciências da Terra, n. 13, p. 1-27, 1971. pág. 13

O conceito de Geossistema apresentado por Victor Sotchava e George Bertrand no final da década de 1960, em seus respectivos países, forneceu grande contribuição aos atuais estudos da Geografia, porque

- (A) apresentou uma perspectiva verticalizada da análise do meio biofísico.
- (B) representou unanimidade nos estudos da geografia física entre as escolas da época.
- (C) ampliou a percepção de que os recursos naturais podem ser renovados se conhecida sua natureza.
- (D) forneceu base teórica e metodológica para análise integrada dos estudos ambientais.
- (E) ressignificou o papel da humanidade atribuindo-lhe a responsabilidade sobre a dinâmica terrestre.



- 22 Observe a figura sobre Sistema Clima Urbano: Articulação dos sistemas segundo os canais de percepção: subsistemas e produtos de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (1976).



Fonte: Teobaldo Neto, A; Amorim, M.C.C.T- Ilha de Calor Urbana e desconforto térmico: uma análise episódica em Cuiabá/MT. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Geografia Física Aplicada, julho de 2017, pág. 1496.

A proposta de Monteiro sobre Sistema Clima Urbano, apresentada pelos autores, foi base para as pesquisas posteriores que consideram que é fundamental nesses estudos compreender o(a)

- (A) padrão repetitivo da atmosfera que, periodicamente, se apresenta em estados cíclicos da qualidade do ar.
- (B) generalização da classificação climática que, mesmo que estática, apresenta uma ideia da ação dos subsistemas.
- (C) complexidade inerente à dinâmica das cidades, em suas mais variadas dimensões, que contribui para relacionar as formas de usos às interferências na atmosfera.
- (D) ação energética do clima no meio urbano que provoca impactos à sociedade, como as doenças respiratórias de veiculação hídrica.
- (E) período atual de aquecimento global que altera os componentes físico-químicos do ar e eleva a precipitação urbana.

- 23 Leia o texto.

“Nós passamos, ao longo do último quarto do século XX, de um sistema econômico internacional a um sistema econômico global. Trata-se de uma importante mutação geopolítica das condições de produção, de competição e de interdependência. O antigo regime internacional era caracterizado pela soberania dos Estados, a quem competia definir, entre outros, suas políticas monetárias e alfandegárias. A ordem que substitui aquela é uma ordem global difusa na qual as relações entre os Estados diluem-se, em uma certa medida, ao proveito das conexões entre economias regionais afastadas, ligadas entre elas por intercâmbios complexos feitos de competição e de colaboração.”

Fonte: Geoges Benko. A recomposição dos espaços. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 1, N. 2, p. 7-12, Mar. 2001. pág 7.

A citação do autor explica a configuração econômica do atual “sistema mundo” que substitui o sistema internacional pelo global por meio da

- (A) fragmentação das unidades territoriais e fragilização dos Estados.
- (B) criação ou reforço dos blocos econômicos, sob forma de mercados comuns.
- (C) readequação dos espaços físicos em função dos novos conhecimentos sobre a dinâmica do planeta.
- (D) formação de um arranjo institucional superior de escala planetária, resultado da capacidade humana de avançar os limites da Terra.
- (E) mundialização de novas tecnologias da informação e da comunicação, que possibilita a aproximação das pessoas e as rupturas de fronteiras políticas e culturais.



24 Leia o texto.

“O fato novo que, com certeza, escapou aos ideólogos militares e seus planejadores foi a resignificação da natureza em função tanto da nova revolução (nas relações sociais e de poder) tecnológica (biotecnologia, entre elas) como a emergência do movimento ecológico, constituindo o que viria a ser chamado de vetor ecológico da nova geopolítica mundial.”

Fonte: Porto-Gonçalves, C.W. Amazônia enquanto acumulação desigual de tempos: Uma contribuição para a ecologia política da região. Revista Crítica de Ciências Sociais 107, 2015.

De acordo com o texto, o chamado vetor ecológico é representado pelos(a)

- (A) diferentes atores sociais locais que projetam um debate consensual sobre a apropriação da natureza na Amazônia.
- (B) ruralistas que se fazem representar no Congresso Nacional, e ganham força assinalando os limites da intervenção das sociedades na natureza.
- (C) empreiteiros construtores de todo um conjunto de obras de infraestrutura (portos, rodovias, hidrelétricas) necessárias ao projeto de desenvolvimento sustentável na região.
- (D) preservacionistas que defendem, ora o mundo natural como estoque de vida, ora a preservação como reserva de valor; e conservacionistas, cujos projetos estão associados à biossociodiversidade.
- (E) burguesia nacional que, aliada à economia verde, apoia os vários movimentos sociais e ambientais que defendem a produção orgânica realizada nos territórios das populações tradicionais.

## FILOSOFIA

25 “As teorias científicas são enunciados universais. Como todas as representações linguísticas, elas são sistemas de signos ou símbolos. Desta forma, não penso que nos ajude muito expressar a diferença entre as teorias universais e os enunciados singulares, dizendo que os últimos são “concretos” enquanto as teorias são *simplesmente* fórmulas simbólicas ou esquemas simbólicos; pois pode-se dizer exatamente a mesma coisa para os mais ‘concretos’ enunciados”.

(POPPER, K. *Lógica da investigação científica*. São Paulo: Abril cultural, 1980, p. 27)

De acordo como o autor formula sua concepção de teoria científica, é possível afirmar

- (A) o caráter lógico-transcendental dos sistemas de signos que compõem os enunciados singulares.
- (B) a natureza meramente artificial, abstrata e linguística das teorias científicas diante da objetividade fatural dos enunciados singulares e concretos.
- (C) que tanto teorias universais quanto enunciados singulares estão sob as mesmas condições sistemáticas e simbólicas.
- (D) a ideia de que só na linguagem genuinamente científica pode-se reconhecer o caráter teórico de um enunciado.
- (E) a diferença radical entre teorias universais e enunciados singulares, entendidos como representações linguísticas.

26 “A palavra ‘Sociologia’, ciência da sociedade, é uma deformidade, meio latina e meio grega. O caráter artificioso e arbitrário da palavra é uma indicação do nascimento tardio da disciplina (...) O termo, em si, teve sua origem em Augusto Comte, que é geralmente considerado o criador da Sociologia. A sua principal obra sociológica, o *Curso de filosofia positiva*, foi publicada em 1830. A palavras ‘positiva’ enfatizava aqui, com precisão, o caráter que a Sociologia sempre manteria desde então, como ciência, num sentido específico. Ela é filha do Positivismo. Nasceu da vontade de emancipar o conhecimento dos credos religiosos e da especulação metafísica. Mediante uma rigorosa fidelidade aos fatos, também se esperava atingir nesse campo a objetividade de que eram modelo as ciências naturais, empíricas por um lado e matemáticas por outro”.

(HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 11)

Segundo o texto acima, no que se refere à epistemologia de Comte, é correto afirmar que

- (A) a Sociologia é uma ciência empírico-matemática.
- (B) a Sociologia só passa a se constituir como uma ciência rigorosa a partir de 1830.
- (C) só é possível à Sociologia ser uma ciência positivista.
- (D) a Sociologia, por oposição à especulação filosófica, é avessa à teoria.
- (E) a Sociologia, ao seguir o modelo moderno das ciências naturais, situa-se na tradição cartesiana e newtoniana.



- 27 “Nossas afirmações ensinam, portanto, a *realidade empírica* do tempo, isto é, a validade objetiva com respeito a todos os objetos que possam ser dados aos sentidos. E uma vez que nossa intuição é sempre sensível, na experiência jamais pode nos ser dado um objeto que não estiver submetido à condição do tempo. Contrariamente, contestamos ao tempo todos os reclamos de realidade absoluta, como se, também sem tomar em consideração a forma de nossa intuição sensível, fosse absolutamente inerente às coisas como condição ou propriedade. Tais propriedades concernentes às coisas em si jamais podem ser dadas pelos sentidos. Nisso consiste, portanto, a *idealidade transcendental do tempo*, segundo a qual o mesmo é absolutamente nada se se abstrai das condições subjetivas da intuição sensível”.

(KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 46/47)

Quanto à explanação de Kant sobre o tempo, analise as afirmativas seguintes.

- I Para Kant, como para toda a humanidade até o início do século XX, o tempo é uma entidade absoluta.
- II O tempo é, de uma só vez, uma idealidade e uma realidade, ou seja, subjetivo e objetivo.
- III O tempo é o objeto da intuição sensível e objetiva.
- IV Sem as intuições humanas como condição, o tempo não existe.

Estão corretas

- (A) I e II, somente.
- (B) II e III, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) II e IV, somente.
- (E) I e IV, somente.

- 28 “Retomemos a nossa investigação e procuremos determinar, à luz deste fato de que todo conhecimento e todo trabalho visa algum bem, quais afirmamos ser os objetivos da ciência política e qual é o mais alto de todos os bens que se podem alcançar pela ação. Verbalmente, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem ser esse fim a felicidade e identificam o bem viver e o bem agir com o ser feliz”.

(ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril cultural, 1984, p. 51)

Acerca da doutrina da virtude e da felicidade moral, é correto afirmar:

- (A) O filósofo defende que a felicidade é a condição da ação virtuosa.
- (B) Para o filósofo, é preciso acrescentar ou o bem agir ou o bem viver para que, só então, disso, resulte a felicidade.
- (C) Segundo Aristóteles, o bem agir e o bem viver devem ser descritos como condição da felicidade.
- (D) Aristóteles, em oposição a Platão, que defendia a ideia de que o bem tem que ter um valor em si, propõe uma alternativa mista, juntando felicidade e virtude, como síntese do bem agir.
- (E) O objeto da ciência política para Aristóteles era a felicidade resultante do fato de se bem viver.

- 29 “Não sendo o Estado ou a Cidade mais que uma pessoa moral, cuja vida consiste na união de seus membros, e se o mais importante de seus cuidados é o de sua própria conservação, torna-se-lhe necessária uma força universal e compulsiva para mover e dispor cada parte da maneira mais conveniente a todos. Assim como a natureza dá a cada homem poder absoluto sobre todos os seus membros, o pacto social dá ao corpo político um poder absoluto sobre todos os seus, e é esse mesmo poder que, dirigido pela vontade geral, ganha, como já disse, o nome de soberania”.

(ROUSSEAU, J-J. *Do contrato social*. São Paulo: Abril cultural, 1983, p. 48)

Com base no que escreve Rousseau, é correto afirmar:

- (A) O Estado, por meio do soberano, tem o direito irrestrito à coerção dos seus membros.
- (B) Os compromissos que unem os membros sob o Estado são obrigatórios.
- (C) Como membro do corpo social, o indivíduo renuncia a tudo, menos a sua liberdade natural e a sua conservação.
- (D) O poder absoluto do soberano, dispondo de uma força universal, determina por esse meio como cada membro reunido deve exercer sua liberdade individual.
- (E) O exercício da soberania exige que o Estado aja compulsivamente sobre os súditos, como o exige o pacto social.



- 30 “Na relação com a realidade empírica, a arte sublima o princípio, ali atuante do *sese conservare*, em ideal do ser-para-si dos seus testemunhos; segundo as palavras de Schönberg, pinta-se um quadro, e não o que ele representa. Toda a obra de arte aspira por si mesma à identidade consigo, que, na realidade empírica, se impõe à força a todos os objetos, enquanto identidade com o sujeito e, deste modo, se perde. A identidade estética deve defender o não-idêntico que a compulsão à identidade oprime na realidade”.

(ADORNO, T, *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 15)

Acerca do vínculo entre arte e realidade, segundo o texto, analise as afirmativas seguintes.

- I Para Adorno, a arte é a expressão ideal e autônoma do real.
- II Levando em consideração o poder avaliativo da Lógica, Adorno propõe o princípio de identidade como aquilo que aproxima arte e realidade, embora em um caso isso vise diretamente ao idêntico e, no outro caso ao não idêntico.
- III Para o autor, a natureza da representação artística a leva à idealização da representação do real, só idêntica a si mesma.
- IV Na perspectiva adorniana, a arte é uma extensão idealizadora do real, o que faz dela, de certa forma, seu contraponto justificador e afirmador.

Estão corretas

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) I, III e IV, somente.

- 31 “Por conceito da razão prática, entendo a representação de um objeto enquanto efeito da liberdade. Ser um objeto do conhecimento prático enquanto tal significa, pois, unicamente a relação da vontade com a ação mediante a qual este objeto ou seu contrário seria realizado; e julgar se alguma coisa é ou não um objeto da razão *pura* prática é apenas a distinção entre a possibilidade ou impossibilidade de *querer* essa ação pela qual, se para ela tivermos poder (acerca do que a experiência deve julgar), um certo objeto se realizaria”.

(KANT, I. *Crítica da razão prática*, Lisboa: Edições 70, 1986, p. 71)

No que toca à racionalidade prática, segundo Kant, analise as afirmativas seguintes.

- I A liberdade é uma forma de causalidade.
- II Para o autor, o objeto prático é um conceito.
- III O objeto da filosofia prática é a própria ação realizada.
- IV Como o objeto prático depende do que a experiência deve julgar, nele se expressa a determinação concreta do querer.

Estão corretas

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) II e III, somente.
- (D) III e IV, somente.
- (E) I, III e IV, somente.



- 32 “... todos os homens que diferem entre si para pior no mesmo grau em que a alma difere do corpo e o ser humano difere de um animal inferior (e esta é a condição daqueles cuja função é usar o corpo e que nada melhor podem fazer) são naturalmente escravos, e para eles é melhor ser sujeitos à autoridade de um senhor, tanto quanto o é para os seres já mencionados. É um escravo por natureza quem é suscetível de pertencer a outrem (e por isso é de outrem), e participa da razão somente até o ponto de apreender esta participação, mas não a usa além deste ponto”.

(ARISTÓTELES, *Política*, Brasília: UnB, 1988, p. 19)

Em relação ao que diz Aristóteles no trecho citado acerca da escravidão, analise as afirmativas seguintes.

- I Para ele, alguns homens nasceram para ser escravos.
- II A escravidão vem da necessidade que sente um homem de submeter-se a outro.
- III O escravo é um animal inferior que apenas segue seus instintos.
- IV É escravo todo homem que não faz uso pleno da razão.

Estão corretas

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) I e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) I, II e IV, somente.

## SOCIOLOGIA

- 33 Sobre Auguste Comte, pensador do século XIX, é correto afirmar:
- (A) Criou o pensamento funcionalista. Este paradigma foi então apropriado pelos pensadores clássicos que o puseram em prática para compreender conflitos entre as classes sociais no feudalismo.
  - (B) Teve um pensamento social inexpressivo na história do pensamento europeu. Suas poucas contribuições se restringiram à atuação política em sindicatos quando pregava mudanças estruturais na França.
  - (C) Originou os fundamentos do pensamento sociológico e antropológico dos séculos XIX e XX, apropriados por Émile Durkheim, Max Weber e Clifford Geertz. Estes autores, inspirados em Comte, acreditam ser possível prever os atos humanos.
  - (D) Construiu o pensamento funcionalista, mas este se restringiu ao século XIX, sendo hoje totalmente negado pelas ciências contemporâneas.
  - (E) Cunhou o termo sociologia e definiu como missão, para a nova ciência, estudar as leis do desenvolvimento histórico da humanidade.
- 34 Émile Durkheim é o pensador que verdadeiramente constitui a sociologia como ciência. Sobre seus postulados teóricos e metodológicos, é correto afirmar:
- (A) Criou a lei dos três estados: teológico, metafísico e positivo, para compreender as leis do desenvolvimento do espírito humano e mostrar que na Europa estava o centro de desenvolvimento do pensamento humano.
  - (B) Sua análise revelou o desenvolvimento e a expansão do capitalismo para além do continente europeu, enfatizando as estruturas de exploração do proletariado e seus vínculos sociais marcados pela solidariedade mecânica característica das sociedades capitalistas desenvolvidas.
  - (C) Apesar de suas contribuições terem sido vastas, o autor se notabilizou pelos estudos a respeito da ética protestante, a qual proporcionou o desenvolvimento do espírito do capitalismo.
  - (D) Acreditava que a sociologia era uma ciência teórica, básica, que as análises empreendidas pelos sociólogos deveriam ampliar o campo de conhecimento humano sem a exigência de pretender mudar a realidade social.
  - (E) Construiu a sociologia como ciência quando apresentou um conjunto teórico, que está na obra “Divisão Social do Trabalho”, e metodológico, com “As Regras do Método Sociológico”, para compreender a sociedade moderna.



- 35 Para Émile Durkheim, o fato social se compõe de generalidade, exterioridade e coercitividade. O exemplo que **não** expressa tais características é
- (A) a família num grupo social.
  - (B) a religião no Oriente Médio.
  - (C) o amor que Giovanni sente por Raphaela.
  - (D) o dinheiro para transações econômicas.
  - (E) a língua numa dada sociedade.
- 36 Sobre o pensamento de Karl Marx é correto afirmar:
- (A) As análises de Marx levam, essencialmente, à compreensão das formas como o sistema capitalista reifica as relações sociais, políticas e ambientais, em escala nacional e internacional, ao mesmo tempo em que promove as contradições internas ao próprio sistema.
  - (B) Os trabalhos de Marx foram referências essenciais à compreensão plena do desenvolvimento capitalista mercantil, mas, no presente, em que vigora exclusivamente o capitalismo financeiro, eles não ajudam na compreensão do século XXI.
  - (C) É na obra “O 18 do Brumário” que se encontram os argumentos de Karl Marx sobre a relação entre capital e trabalho no capitalismo contemporâneo.
  - (D) Marx analisou as estruturas de funcionamento do capitalismo. Na obra “O Manifesto Comunista”, encontram-se os elementos fundamentais de sua obra para entender como o capitalismo se constitui, reproduz e depois se extinguiu.
  - (E) A grande obra de Marx é “A Sagrada Família”. Neste livro, ele analisa o modo de vida do lumpemproletariado. Este sujeito tinha, no século XVII, altos salários e boas condições de vida, comparáveis às dos altos executivos das empresas internacionais de hoje.
- 37 Em relação à obra de Bronislaw Kaspar Malinowsky, “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, é correto afirmar:
- (A) Esta obra inaugurou o pensamento antropológico estruturalista, uma vez que se preocupou em compreender as estruturas profundas de funcionamento da vida trobriandesa.
  - (B) A obra inaugurou uma nova metodologia, a etnografia, para produzir conhecimento na antropologia, ao considerar a vivência prolongada junto aos nativos, pretendendo capturar seus pontos de vista sobre a economia, sexualidade, agricultura, magia, religião, direito, sistema de troca.
  - (C) A obra tem como ponto fundamental apenas as narrativas da chegada de Malinowski ao arquipélago na Nova Guiné. As inúmeras citações dos trechos relacionadas a este momento são evidências da importância dessa narrativa à antropologia.
  - (D) A pesquisa que deu origem à obra foi absolutamente bem planejada desde o início, quando Malinowski saiu da Polônia. Ele sabia o que faria, quanto tempo ficaria em pesquisa de campo e quais resultados seriam apresentados como tese ao orientador. A previsibilidade foi possível por conta das bases de dados sólidas sobre a região e os nativos.
  - (E) A maior importância da obra para a antropologia é constatar que os nativos das ilhas trobriandesas estavam na etapa de pensamento teológico, como argumentava Auguste Comte na obra as “formas elementares da vida religiosa”.
- 38 “O primeiro que tendo cercado um terreno se lembrou de dizer: “Isto é meu”, e encontrou pessoas bastante simples para o acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não teria poupado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tapando os buracos, tivesse gritado aos seus semelhantes: “Livrai-vos de escutar esse impostor; estareis perdido se esquecerdes que os frutos são de todos, e a terra de ninguém”. Este trecho é da obra “Discurso sobre a Origem da Desigualdade entre os Homens, de 1754”, fundamental ao pensamento moderno. Tal obra foi escrita por
- (A) Thomas Hobbes.
  - (B) John Locke.
  - (C) Jean-Jacques Rousseau.
  - (D) Nicolau Maquiavel.
  - (E) Karl Marx.



39 Considerando as relações raciais no Brasil, é correto afirmar:

- (A) A população brasileira é composta por mais de 50% de negros. Mas isso não significa relações inter-raciais igualitárias, pelo contrário, no país operam várias formas de racismo, os quais estão em todos os níveis de relações sociais, criando barreiras à ascensão social da população negra.
- (B) O racismo no Brasil é uma falácia, uma vez que pesquisas nacionais e internacionais mostram sua inexistência. Os poucos casos em que brancos e negros divergem com relação às opiniões e oportunidades não se configuram como racismo, mas como uma justificativa dos negros a sua incapacidade de ascender socialmente por conta de fatores genéticos.
- (C) As relações raciais no Brasil são harmoniosas. Gilberto Freyre provou com sua obra “Casa Grande e Senzala” que os tratos dados pelos escravocratas aos seus servos eram os melhores possíveis. A prova disso é que não se têm relatos históricos que mostrem revoltas de escravos no Brasil.
- (D) Hoje os negros estão com baixa educação, baixos níveis de emprego e ocupam a base da pirâmide social brasileira por uma questão de comodismo. Mesmo que o governo ofereça vantagens no mercado de trabalho e na educação superior, eles não conseguirão ascender socialmente devido às limitações cognitivas herdadas de seus antepassados.
- (E) Os negros, por conta de uma suposta reparação histórica, estão mais presentes nas universidades públicas, com as cotas de ação afirmativa. A consequência disso tem sido a diminuição na qualidade do ensino superior expresso na diminuição do número de cursos de graduação, em todas as áreas, no país, em decorrência da baixa qualidade dos alunos.

40 A respeito da sociologia brasileira, é correto afirmar:

- (A) A sociologia no Brasil se especializou em análises relacionadas à situação das populações indígenas, a ponto de os profissionais se verem como profundos defensores das causas desses grupos.
- (B) A sociologia brasileira, na verdade, é uma ciência institucionalista. Ela tem despendido bastante tempo e energia analisando a realidade das instituições políticas com o objetivo de prever, com elevado grau de certeza, as ações dos parlamentares no congresso brasileiro.
- (C) Sociólogos como Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Jessé de Souza, Otávio Ianni foram pensadores menores em relação à produção intelectual internacional. Suas obras são cópias de postulados teóricos da França, Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra aplicadas à realidade brasileira, sem, todavia, ressaltarem as especificidades do país.
- (D) Todos os sociólogos brasileiros, sobretudo os com reconhecimento nacional, têm origem nas classes altas, a exemplo de Florestan Fernandes. Nesse processo, as universidades públicas têm assumido papel importante na reprodução das elites financeiras do país, sem, porém, ter preocupação com as classes baixas.
- (E) A sociologia brasileira é comprometida, em grande medida, com a mudança da realidade social do país. Prova disso são os temas escolhidos para pesquisa, os quais expressam uma preocupação com as estruturas de desigualdade social. Um exemplo marcante dessa postura foi a de Florestan Fernandes, um dos maiores sociólogos brasileiros, que produziu uma vasta bibliografia sobre os temas relacionados aos problemas da sociedade brasileira.